

- trazer papéis para
queimar na cena do
refúgio? ^{4/13}

PLUMA - Aristides Vargas

Salvo o pai a mãe e Pluma, o resto das personagens se pode dobrar. O personagem de Pluma pode ser representado por um ator ou uma atriz ou desdobrar-se e ser representado simultaneamente por um ator e uma atriz. As diferentes fases por quais atravessa a personagem Pluma vão estruturando física e psicologicamente... É uma entidade urbana, em branco que demanda a experiência para alcançar sua individualidade.

CENA 1

Pluma nasce de maneira mágica em um lugar miserável. Sentado em meio ao cenário, Pluma vê seus pais que discutem. A mãe tem uma descomunal barriga onde supostamente está Pluma.

Mãe - Estou farta de que te embriagues com meu dinheiro, estou farta deste lugar pestilento e de que andes pelo mundo como um sonâmbulo, um estúpido e sujo sonâmbulo. É uma merda. A isto você chama viver?

Pai - As putas não se sobressaem por sua educação.

M - Nem os chifrudos por seu humor.

P - Do que te queixas? Eu te tirei desse barraco nojento de onde vivia e te coloquei em uma casa descente.

M - Descente? Já observou os vizinhos que temos? Têm a cara tão costurada que quando os olho me digo. Essa gente não deve ir ao hospital quando cortam a cara. Não, a devem costurar aqui mesmo pertinho. No alfaiate da esquina. As suturas e remendos não nos permitem ver as pessoas boas que podem ser.

P - Cala-te. Estás me aborrecendo.

M - Não vou ma calar. Olha a minha barriga. Você me encheu o futuro de fraldas.

P - Dar a luz é um milagre divino. Uma graça de Deus.

M - Vá pro inferno com esta graça. Graça o quê?

P - Não blasfemes.

M - Presta atenção, dá uma olhada. Dar a luz num lugar como este não é nada gracioso, é uma piada de mau gosto. Uma brincadeira de Deus.

P - Algo ruim vai nos acontecer. Estás insultando o sagrado. Algo terrível vai nos acontecer. Eu pressinto.

M - (com muita frieza) Talvez eu a mate quando nasça.

P - O quê esta dizendo?

M - (a ponto de chorar) Você me arrastou pra este lugar, me convenceu que este era um bom lugar para se viver, e este é um bom lugar pra se morrer.

P - Não tem pudor? Esta perdida.

M - Estamos perdidos.

P - Resignação é a palavra.

M - Essa é a palavra.

P - Qual?

M - Resignação.

P - Essa é a palavra.

M - Qual?

P – Resignação?

M – Sim, acredito que seja algo deste jeito. Por este estilo.

P – Você não tem estilo.

M – E nem você vergonha.

P – Cala-te. Estou farto de te escutar.

M – Você vai dormir?

P – Como?

M – Que se você vai dormir.

P – Isso a que vem.

M – Me pedes pra que eu me cale e eu te pergunto se você vai dormir.

P – Não, talvez eu vá rezar pra que tudo de bom aconteça com a gente.

M – Eu vou beber pra me esquecer de tudo.

P – Já te disse para não beber porque não é saudável para o bebê. Queres ter um monstro no lugar de um filho? É isso que quer? Anda, bebe. Terei que amarrar as mãos para que melhore? Está doente sabia? Muito doente.

M – De fome e solidão. Este lugar não permite outra coisa.

P – Acredita que eu gosto de viver assim? Acha que a maioria das pessoas é feliz neste lugar? Não querida, todos apodrecem e mijam em seus quatinhos. Abre a janela e você vai ver em um espelho. Terei que te bater pra que você perceba?

M – Você não sabe em quem bater e então bate em mim. Lança golpes no vazio e recebo porque estou ao seu lado. Não se pode amar alguém porque está a nosso lado e recebe as nossas porradas. Acredito que nosso amor também tem fome.

P – Muitas vezes se ama porque não se sabe fazer outra coisa. Ou se acredita em Deus porque não se sabe no que acreditar. Então não se faz nada na vida por convicção e sim porque não há outro remédio.

M – Me surpreendes.

P – O que é que te surpreende?

M – Por um momento eu senti ternura por você. Que idiotice. Agora eu já não sinto nada. Isso foi há um minuto atrás.

P – Antes, muito antes, você me feria. Agora não mais.

M – Há certas horas a gente fecha as janelas e dorme.

P – Eu fechei as portas também. Já não pode entrar no meu coração. Esta fora na intempérie pra sempre.

M – Todos dormem em determinadas horas. O mundo se enche de sombras e as casas de silêncio. As pessoas recobram a inocência no sonho. Nada as perturba porque estão de alguma maneira mortas. Eu já não te amo.

P – O sonho é mais intenso que amor.

M – Tenho que ir trabalhar. Você segue dormindo.

P – Queria que não fosse a esse bar.

M – Faz alguma coisa, consegue um trabalho faz-te encanador ou palhaço de circo alguma coisa, não sei.

P – Como eu gostaria de destruir seu fígado a patadas.

M – Te atreve. Destruir o meu fígado deve custar pouco, já que destruiu meu coração e encheste meu futuro de fraldas.

P – Como pode falar de futuro?

M – Porque eu posso vê-lo aqui, na minha cabeça.

P – Esse é o futuro, querida. Leias os jornais. Não há futuro. Chegamos até aqui. Antes se podia pensar em algo melhor e viver a pobreza com dignidade porque sabíamos que havia um futuro. Estamos no presente, condenados ao presente.

M – Cala a boca!

P – Não moverei um dedo em prol do futuro.

M – Essa noite passará, eu sinto. Não existe lamento que dure cem anos. Queria voltar pra casa da minha mãe. Queria que me cuidassem. Queria que visse a minha mãe regar as sempre-vivas. Então o medo desapareceria porque no outro dia minha mãe voltaria a regar as sempre-vivas e estas voltariam a florescer. Em meu pai florescia bondade pra ela.

P – Eram outros tempos e outras pessoas. Seguramente todos morreram. E também as sempre-vivas.

M – Seguramente, Resignação é a palavra?

P – Não sei. Não lembro dela.

M (pausa) – Sabe, a noite canta.

P – Quem?

M – O que tem aqui (mostrando a barriga).

P – Canta?

M – Sim.

P – Não.

M – Sim.

P – A que ocorre cantar nestes tempos?

M – A isso. Queres escutar?

P – Mas tem certeza que canta?

M – Sim. Confere aqui. Vem. Tá ouvindo? Escuta?

P – (aproximando o ouvido do ventre da mãe) Porque será que ela canta tanto? É como o vento, como uma tempestade por sua vez suave como uma pluma.

M – É como uma pluma na tempestade.

(Os pais dormem ao som do canto estranho de pluma que vem do ventre da mãe. Ele começa a mover-se. Nasce com movimentos imprecisos e amorfos. Põe-se de pé e cresce).

Cena 2

Pluma se apresenta e diz o que vai fazer.

Pluma – Eu sou Pluma e isso é dizer bastante porque tem outros que vêm ao mundo e não são nada. Eu pelo menos sou Pluma. Vim ao mundo enquanto meus pais dormiam. Minha mãe me empurrou e nada me esperava. Vim pôr minha conta e risco. Este é o céu, esta é a Terra. Estes são meus pais. Se eu tivesse sabido, não viria. Fede este lugar. Durante meses tenho escutado meus pais discutirem. Creio que suas palavras fedem e tem enchido de mau cheiro este lugar. Eu sou Pluma. Nasci e cresci nos abismos do tempo. Levou-me alguns minutos ter este aspecto. Não é ótimo, mas para este Mundo tampouco se precisa grande coisa. Esta é a noite e estes são os meus pés. Não tem faro nos baixos mundos. E não existe milagre sem luz. Saio da escuridão do ventre de minha mãe à escuridão da noite e vou às ruas. Aqui está a minha cabeça, aqui esta meu coração e meus pés. Aqui meu grito (grita. Foge de sua casa pela janela agarrando-se aos fios elétricos da rua)

Cena 3

Pluma se separa de seus pais e entra nos perigos da cidade.

Rufião (enquanto veste Pluma com roupa de prostituta) – Você não se preocupe. Eu vou te ensinar tudo da vida. Sabe por quê? Porque é uma alma vazia. Uma alma que nada sabe da vida e aquele que nada sabe nada quer. Você vai se divertir muito comigo. E eu estarei perto te protegendo. E nas noites frias te darei alento e nas noites de calor te darei um manancial para que laves este lindo passarinho que levas entre as pernas. Que ainda não canta, mas que cantará quando eu disser que cante. Terão que pôr seu dinheiro aqueles que quiserem escutar este pássaro cantar no manancial. É muito menino, ainda não sabe estas coisas da vida. Verás como nós vamos nos divertir você e eu.

Pluma – Sim, isto está muito gracioso.

Rufião – O quê?

Pl – Isto, o assunto da vida.

R – Que estúpido você é.

Pl- Sim. Estúpido e divertido o assunto da vida. Antes eu trabalhava num banco e me mandaram embora porque eu me divertia muito. É que as cédulas me davam muita vontade de rir. Quero dizer, os senhores que vinham nas cédulas. Pareciam obstipados. Políticos, rainhas, heróis. Todos obstipados. É uma mania de meter a história nas cédulas, como se as más recordações tivessem algum valor.

R – (Contendo sua ira suavemente) Cala a boca.

Pl – Mas nós estamos nos divertindo, não?

R – Que fique quieta. Por quê fala? Acredita que as palavras te salvarão?

Pl – Isso não foi muito divertido.

R – É uma paisagem da alma.

Pl – O quê?

R – O divertimento me refiro.

Pl – Não entendo.

R – Acaso entende o perfume penetrante que existe neste lugar? Entende? Você só tem que se abandonar a ele. Deixar que te governe, te atravesse. Que o faça seu. A pessoa sem perfume está condenada a morrer de frio. Vou fazer de ti o que nunca você mesmo faria.

Pl – Obrigada senhor.

R – Não me agradeça. Haverá um tempo em que vais me devolver o favor. De onde você é?

Pl – De um bairro miserável e triste.

R – Tens família?

Pl – Meus pais dormem faz muito tempo.

R – Por quê não os acorda?

Pl – Eles me dão medo. Também me dão medo as enfermeiras que são incapazes de pôr uma injeção e que fazem uma chacina antes de encontrar a veia...Fui enfermeiro e não..

R – Mentiroso é o que você é. Você nunca trabalhou como enfermeiro e não tem estado num banco. A mim você não engana. Por que eu sei tudo da vida e pra mim isso passa por um só lugar. É bom que você saiba.

Pl - Pelo seus sapatos.

R – Por que você disse isso?

Pl – Pelo barulho que produz a sola no cimento. Esse barulho sai de um sapato que sabe tudo da vida.

R – Você é bastante estranho.

PI – Nesse lugar todos somos estranhos. Nos abraçamos de maneira estranha, nos amamos de maneira estranha, e o mais estranho, é que quando estamos longe uns dos outros não sentimos a falta um do outro. Isso é estranho, não?

R – Percebo certa ansiedade em você. Você tem madeira. Como foi sua infância?

PI – Não sei. Creio que não a tive.

R – Aquele que esquece da infância desconhece a matéria que o conforma. O paraíso perdido. Mas não te preocupes. Você ganhou outro Éden ou outro inferno, depende do ponto de vista. O céu e o inferno são a mesma bobagem. Em um nasce o pecado e no outro se consuma a pena cheirando coca. Este pó me dá uma claridade inusitada. Com três quilos poderia escrever um tratado filosófico. Você vai ser muito feliz neste lugar.

PI – Não acredito, quer dizer, duvido da felicidade. Eu caminho pela rua e vejo que as pessoas não necessitam ser felizes e o raro é que o fazem com certa indolência, com certo alívio. A felicidade deixou de ser um projeto relevante.

R (explodindo violentamente) – Cala a boca! Não me deprima, por favor. Não me deprima. Não quero que abra a boca quando esteja com meus clientes. Não é um conselheiro, entende? Você é uma prostituta. E se eu ganho, você ganha. Acredite em mim, eu sei tudo da vida, e isso me faz um homem feliz.

PI – Fico feliz por você.

R – Vê, você é como eu. Te alegra com a felicidade alheia. Nosso trabalho é ajudar os solitários. Não acredite que eu não sinto pena. Mas não quero me lembrar como.

PI – Nunca ninguém se preocupou tanto com a minha felicidade. Mas tenho que me apressar.

R – Pra quê?

PI – Para cumprir seus propósitos. Não quero desapontá-lo.

R – Isso parece sensato e refinado. Eu gosto.

PI – (Malicioso) Sinto me como um doente que vai operar a cabeça, mas que na verdade está doente do fígado. Como decepcionar este médico com a verdade?

R – Você está me irritando muito. Por acaso eu sou este médico?

PI – Não, você é um pai de família. Quero dizer, Pelo menos tem filhos. O que vai dizer a eles quando um dia lhe perguntem: Pai, o que fizeste para fazer os homens felizes? E como você se sentirá quando tiver que dizer como se estivessem olhando sua vida pela televisão. Nada, nessa ora eu me levantei pra ir ao banheiro.

R – Cala a boca!

PI – Eu só estava refletindo.

R – Fecha sua maldita boca e te aquieta.

PI – É que eu tenho que andar rápido, é que eu tenho que me apressar.

R – Relaxa. Sabe o que isto significa? Re-la-xa. Ninguém melhor que você deve conhecer a língua da espera. Se apoiar no balcão e esperar, se apoiar na esquina e esperar, se apoiar na vida e esperar que o silêncio se faça presente. Então debes apoiar sua cabeça no peito e esperar. Eles acreditarão que ganham você porque espera. Então com só ofegar você faz tremer seu corpo e com a leveza de um açougueiro, mostra os teus peitos tão pálidos como duas luas. Suas coxas tão pálidas como talo de duas palmeiras. Uma fúria de baba cairá sobre você. Mas você é inalcançável. Espera. Eles te verão ardente, mas é apenas um jogo ilusório. Desejam-te com tanta intensidade que não podem te ver mais por causa da cegueira do desejo. É um jogo ilusório. Um estúpido, ardente e aborrecido jogo ilusório. Eles gritarão excitados e serão felizes, enquanto você estará longe deste lugar frio amarelo e espumante.

PI – Como uma cerveja.

R – Criança idiota. Não entende nada.

PI – Entendo sim senhor. É algo assim como estar e não estar.

R – Perfeito.

Pl – Dar mas não dar.

R – Perfeito.

Pl – Gritar mas não gritar.

R – Perfeito.

Pl – Ou seja, os homens se deitam com um cadáver e ainda por cima pagam por isso.

R – Por isso você tem que dar o dinheiro pra mim.

Pl – Por quê?

R – (Rindo histericamente). Os cadáveres não têm necessidades materiais.

Pl – Que estúpido, ardente e aborrecido jogo ilusório.

R – Agora vai e os faça felizes.

Cena 4

Pluma é aconselhado sobre o perigo do lugar. Uma prostituta velha dança um bolero com Pluma. Enquanto dança fala. A prostituta tem uma caixa de sapatos no col. (não entendi)

Prostituta – Eu sou velha neste ofício.

Pl – Se nota.

Pr – Olha esta vestido. Quem me deu foi um cavalheiro que tinha uns bigodes tão perfumados que quando beijava era com se eu colcasse na boca um punhado de morangos. Você deve ir embora daqui.

Pl – Não tenho motivos para ir. Tampouco para ficar.

Pr – Eu sou velha e sei o que estou te dizendo. Você é jovem e aqui será virgem pra sempre. Perde-se a pureza para ganhar o amor. Aqui, nunca ganha o amor. Por isso a pureza envelhece. Eu vim da cidade pra ver se perdía a pureza e ganhava o amor. E tudo que ganhei foi que minha boca pendura da minha cara. Que os meus olhos pendurem de minha cara. Como se todas as minhas facções quisessem chegar no chão, ganhar a terra. Só o amor pode se sustentar no ar. Eu vim pra cidade e ás vezes minha mãe me mandava um pão e quando eu comia parecia voltar ao bosque aonde

nasci. Era um milagre. O pão de minha mãe se multiplicava em recordações. Agora já não me manda mais. Assim é a vida. Às vezes me deito com homens de outros lugares e peço que me contem de onde são. Então eu escrevo em papéis o que eles me contam e os guardo nessa caixa de sapatos. Esse é meu tesouro: uma caixa de sapatos cheias de paisagens que não me pertencem. Você tem que ir embora daqui e se sustentar no ar como uma pluma.

Cena 5

Pluma mata de desgosto a glória nacional. Um velho deputado tem Pluma sentado nos seus joelhos. Ele se vê como uma menina e o deputado como um velho lascivo.

Glória Nacional – É incrível, mas com o passar dos anos eu fiz deste bordel minha segunda casa. Neste lugar me fiz o que se chama de homem. Foi meu pai que me trouxe aqui a primeira vez. Posso até vê-lo sentado nesta cadeira esperando que façam de mim o que sou agora: um homem.
Pluma – É um estúpido jogo ilusório.

GN – A que se refere, jovenzinha?

PI – A que você se refere?

GN – Me referia a meu pai e a esta cadeira vazia, sem ele. Quero te confessar algo.

PI – Escuto e espero. Sou uma cerveja. Escuto e espero.

GN – Não sei como dizer

PI – Nem eu.

GN – Não posso me excitar. Essas recordações que me assaltam não permitem me apaixonar. Meu pai, a cadeira.

PI – É que as cadeiras não são muito excitantes.

GN – Não quis dizer isso.

PI – Nem eu. Já temos algo em comum. Nós dizemos coisas que não queremos dizer.

GN – Quer dançar?

PI – Bem, leve tremor do corpo e ofegar (dança de maneira assimétrica)

GN – Que acontece, você está se sentindo mal?

PI – Você não se excita?

GN – Não.

PI – Então tome um trago. Tome uma bebida.

GN – Não posso. Minha profissão não me permite. Sou deputado da nação.

PI – Somos colegas.

GN – Como?

PI – As pessoas que não bebem são idiotas e um pouco covardes. Não têm filhos porque não têm regado suas noites amorosas com um bom copinho de rum.

GN – O rum esquenta o sangue e faz falar bobagens, absurdos.

PI – No absurdo está a agilidade e a invenção. Olha esta gente que tem o fígado branco sem uma mancha. Tem a cara cristalina e uma cabeça incapaz de articular uma frase genial. Sem dúvida o bom bebedor avermelhado cheio de vida, eruptante, sempre disposto à risada franca, com o riso (ou a graça) à flor da pele, esse sim. Beba. Eu te digo, sei tudo da vida.

GN (bebendo) – Me convenceu. Vou beber um trago.

PI – Como se sente?

GN – Extremamente mal. Nunca bebo. E além disso devo dar um exemplo ao povo que votou em mim.

PI – Não acredito que não beber vai fazer você melhor aos olhos do povo. Ao contrário, o desqualifica como digno representante. E se ficam sabendo que você não se excita não só vão tirar o voto como não vão mais falar com você. Eu te digo uma coisa: eu sei tudo da vida.

GN – Talvez tenhas razão porque a razão sempre está do lado dos fracos.

PI – É fácil dar-lhes a razão, isto evita dar-lhes dinheiro.

GN – Creio que você está passando dos limites.

PI – E eu acho que você está se excitando.

GN – (bebendo um trago) – Ainda não, mas estamos no caminho.

PI – Acho que com dois tragos a mais deixará o caminho e entrará na rodoviária.

GN – Confiemos nesse destino histórico.

PI – O destino não é histórico. É um destino e nada mais e até os idiotas têm o seu.

GN – Vai continuar dizendo bobagens.

PI – Relaxa. Sabe o que isto significa? Re – la – xa.

GN – Mas...

PI – Desculpe. Não é nada com você. É comigo mesma. Eu quando olho um homem posso ler na sua cara o volume de idiotices que o compõem.

GN – Estava se referindo a mim?

PI – Não, há um homem universal, genérico.

GN – Estou me cansando dessa conversa. Não consigo ficar excitado. Não me êxito

PI – Descansemos. Acredito que você gosta mais das cadeiras.

GN – Gosto mais das mulheres que trepam pela primeira vez.

PI – Ah, malandrin. Você gosta das virgens, das almas que ainda não se revelaram. Vai com o honorável deputado.

GN – Mas você não parece.

PI – Eu sou e talvez continue sendo pelo resto da minha vida.

GN – O que quer dizer?

PI – Nada. É que se você não se excita não tem como.

GN – É que passo muitas horas sentado.

PI – Agora entendo sua relação com as cadeiras.

GN – Não é isso. É a letargia que me trai. Sentado faço meus discursos, sentado como e rio, sentado me ofusco e me desofusco e ao final da jornada já não quero parar.

PI – O que faz então?

GN – Eu me escorrego pra baixo do assento e espero que todos vão embora e apaguem a luz do Congresso. Logo recobro minha postura de deputado sentado e na solidão do Congresso durmo recordando velhos discursos que um dia salvarão a pátria.

PI – Outra vez estes tristes pensamentos?

GN – Pertencço a outra época. Tenho um carinho especial pelas velhas instituições. A caixa das aposentadorias, o Seguro Social, o Correio Central. Eu descobri que os homens passam e ao contrário do que sempre se acreditou, as instituições também passam. A vida passa. Eu também passo.

PI – Sentado é o que passa.

GN – Não ria. Eu padeço de um outono precoce. É uma enfermidade que ronda os corredores do Congresso.

PI – Por isso não se excita. Quando se tem o sexo quieto por muito tempo e além achatado pelas nádegas se enruga, adoce e morre.

GN – Olha como você é imoral e desbocada!

PI (agressiva) – Eu tratei de ser boa e agradável e você não fez outra coisa do que falar de sua bunda. Por que não disse isso ao povo que o elegeu? Eles lhe deram uma cadeira para se sentar nela e ficar coçando os piolhos como as araras.

GN – Não vou brigar com você. Chama o gerente. Vim aqui buscando um estímulo que despertasse minha virilidade e o quê encontro? Uma puta que me dá conselhos. Eu já tenho meus assessores, querida. Guarda estas apreciações para aquele que as peça. Eu estou agitado. Muito agitado. Você tá perdida. Não serve pra nada.

PI – Nenhuma mulher é boa pra servir a um homem. Nem mesmo um homem é bom pra servir outro. São homens de segunda que servem homens de primeira. Os grandes homens se sentam sobre homens de resíduo por isso depois não querem parar.

GN – É tarde, tenho que ir. (caminha sem rumo) Onde deixei o meu casaco? Eu sempre esqueço ele em tudo quanto é lugar. Não responderei às suas provocações. Sou velho e amo as velhas instituições. E não te pagarei para que aprendas a tratar os clientes. Onde coloquei meu casaco? Sem ele a rua é mais fria. É um casaco velho mas é muito fino. Essa noite terá tempestade. E sem ele a umidade vai entrar nos meus ossos. Menina estúpida. Olha como transtornou meu caráter. (encontra o casaco) Onde você se meteu, menino? Nós temos que ir. Estou agitado e essa agitação não é minha. Talvez seja sua. Incrível, os casacos se agitam. Vamos companheiro. Está cansado? Descansemos então. Hoje tampouco consegui me agitar. Como pai da pátria, sou metade imortal e metade mortal. E essa última bebeu rum demais. Descansemos velho amigo, descansemos.

PI – (o encosta na sua saia e canta) O sol já está oculto. As flores deixaram seu caule. E a vida passa e passa. A Terra é uma manta. As sombras cantam e a vida passa. A alma viúva do corpo sobre as árvores vaga e a vida passa e passa.

CENA 6

Pluma é expulsa do paraíso ou do inferno, depende do ponto de vista. Rufião entrando aonde está Pluma com o cadáver de Glória Nacional.

Rufião – O que você fez?

Pluma – Nada.

R – Ele está morto.

Pluma – Somente a sua parte mortal. A imortal vaga pelos corredores do Congresso.

R – E agora? O que eu faço? A polícia virá e haverá averiguações.

P – Diga a eles que não era um homem. Era um traseiro.

R – Eu já dizia que você era um imbecil. Te dei uma casa e uma profissão e olha como você me paga. Te ensinei tudo que devia aprender. Confiava em ti e te quis como um filho. Mas não consegui mas do que um ser indigno que ameaça com esmagar me A polícia virá e não duvidarei um instante em te delatar. Eles sabem fazer o seu trabalho. Vamos levar este assunto até as últimas conseqüências e quando neste bordel dizemos até as últimas conseqüências estamos falando de autores, cúmplices e incobridores. A polícia não perdoa. Prenderão uma luz na metade da sua cara e a apagarão para sempre. E desse golpe ninguém se levanta. Você vai ficar na prisão com toda a sua juventude, sua soberba. Some daqui. Pra rua. Com as prostitutas de morte ruim e os bichas no frio e no vento. Não tens futuro nas casas descentes, menino estúpido. Perdeu a oportunidade de ser alguém na vida.

P – Não moverei um dedo em prol do futuro.

R – A chuva da noite vai calar os seus ossos. Morrerá em numa estrada escura, junto dos ratos, congelado como estas caixas de comida que mandam no norte porque ali ninguém as quer comer. E aqui tampouco. Tampouco ninguém come porque é uma porcaria que ninguém come em nenhum lado. Uma porcaria que apodrece sozinha nos refrigeradores dos supermercados. Nos lixeiros da cidade. Vai-te, estou deprimido. Você ganhou sua liberdade, mas perdeu um lugar seguro.

Pl – Se fosse uma pessoa razoável trataria de me defender e prestaria contas. Mas você não é o amo, não é o senhor; você apenas cuida das suas mulheres e prepara as suas orgias. Mas não manda. Se falo com você é porque dá no mesmo do que falar com ninguém. Você é ninguém, você é nada. Um lugar vazio aonde chegam pessoas como eu, cansadas e mortas de fome. Um lugar sem alma onde uma bolinha vermelha faz as vezes de coração. Este lugar é você. Tampouco é um homem. É um letreiro de néon. Uma luz enganosa na noite das mulheres sozinhas, como esta que esta ali (aponta uma prostituta velha que começou a queimar uma caixinha de sapatos). É um verso. Poderia-nos romper a alma com um canto mais triste do que todas as baladas sobre a pena humana (e começa a caminhar).

CENA 7

Pluma se mete numa briga e arremete contra a lei. Em uma rua, Pluma é surpreendido pela polícia junto a outros habitantes da noite. Um rock estridente sai de uma cantina.

Um policial – Mão na parede!

Outro policial – Documentos na mão senhores!

Um Bêbado – Chefe, não se lembra de mim? Eu era boxeador.

O chefe – Faça essa gente calar a boca, por favor.

Bêbado – Você conseguiu os papéis quando fui lutar no Panamá.

Um policial – Cala a boca, não escutou o chefe?

Chefe – Senhores, esta é uma inspeção de rotina. Essa noite aconteceram coisas.

Senhora (que não tem nada haver mais se mete) – Coisas como o quê?

Um policial – Não incomode, senhora.

Senhora – São vocês que estão me incomodando.

Bêbado – Não existe chance pros novos valores do esporte das luvas. Isso passa.

Chefe – Em um operativo policial.

Senhora – Eu creio que são vários. Esta cidade está perdida, mas antes não era assim. Tem muito estrangeiro, muito bêbado.

Pluma – E muita velha.

Bêbado – E muito azar.

Senhora – Antes de ter u, filho como você prefiro ter um gato.

Um policial – Senhora, por favor!

Senhora – São eles que estão me provocando.

Chefe – Documentos, por favor.

Sra. – Um filho é outra incomodação para as mulheres. Um gato é muito mais útil e não fica usando drogas.

Um policial – Não escutaram o chefe? Documentos por favor.

Sra – Pedir por favor é sinal de debilidade, fraqueza.

Outro policial – (a um dos detenidos) Cala a boca ou te quebro a cara!

Pluma – É inútil, perdem o tempo me revistando. Não tenho nada. Perdem o precioso tempo que poderiam aproveitar em suas casas com suas lindas mulherzinhas.

Bêbado – Não. Porque o Corpo policial é o único corpo que não tem sexo. (Dão uma porrada nele)

Chefe – Calma.

Um policial – Isso é para que aprenda. (à Pluma) E pra você, eu também vou quebrar a sua cara.

Pluma – É porque esta muito à vista. Deveria ter cuecas para a cara.

Sra. – Bate na mão dele senhor policial.

Outro policial – Não entendo.

Sra. – Por que não presta atenção em mim? É muito simples: se você o golpeia nas mãos, isso serve de exemplo para os demais. E também evita que essas mãos peçam esmolas durante o dia amanhã.

Pluma – Velha de merda.

Um policial – Chefe, a sua esposa no telefone.

Chefe – Um momento.

Bêbado – (no chão) Eu tenho que me levantar antes que eles contem até dez.

Sra. – (para Pluma) Tenho certeza que você é estrangeiro. Onde está o respeito?

Chefe – Alô! (falando por telefone)

Um policial – O respeito?

Pluma – O respeito eu vi correndo rua abaixo. Deveriam agarrá-lo e cravá-lo na frente desta senhora.

Sra. – Ele está drogado, senhor Inspetor.

Chefe (no telefone) – Em meia hora termino. Sim, me espera. Sim. Já sei que é sexta ou você acha que dia da semana eu estou.

Bêbado – Tentando levantar-se. Nas sextas o mundo se enche de trago e de pena. Eu nunca quis lutar às sextas-feiras.

Chefe (no telefone) – Não, eu não estou num puteiro.

Sra. – Os drogaditos crescem como fungos, senhor Inspetor.

Chefe (no telefone) – Sim. Não, não é outra mulher. É uma senhora que...

Sra. – Senhorita, senhorita.

Chefe (no telefone) – Sim. Não, não fique assim. Eu não estou te mentindo.

Sra. – Chefe, chefe!

Chefe – Um momento. (Aos outros policiais) Façam alguma coisa com esta mulher, por favor.

Um policial – Senhora!

Chefe (ao telefone) – Sim, sim, sim. Esta noite faremos isto, prometo.

Senhora – Estes jovens são todos perigosos. Ser jovem é um antecedente penal.

Pluma – Velha asquerosa. (vai pra cima dela mas os policiais o seguram)

Chefe (aos policiais) – Que é esta confusão? (ao telefone) O que você me dizia?

Pluma – Não me toque.

Senhora – Se grita assim é porque alguma coisa fez. Ninguém que tenha as mãos limpas grita desta maneira.

Um policial – Segurem-no.

(Pluma se retorçe)

Chefe (ao telefone) – Não, te disse que não. Não estamos violentando ninguém. O que você acha que a gente é? Não estamos batendo em ninguém. Quem você acha que a gente é?

Outro policial – É escorregadio como um peixe.

Sra. – Esta substância que inalam transforma a pele deles em gelatina.

Chefe (ao telefone) – Um coelho

Bêbado (sentado) – Um gancho no fígado, outro na boca, assim é a vida.

Chefe (histérico, para os policiais) – Façam silêncio caralho! Não consigo escutar. (Ao telefone) Não. Eu disse que não quero um coelho na minha casa.

Bêbado – Eu fui um grande boxeador. Agora sou uma sombra. Uma marca roxa

Um policial – Segure as pernas.

Chefe (ao telefone) – Essa afirmação é ridícula. Não me compare com um coelho por favor. Ao coelho anterior, tive que matá-lo. Não foi uma coisa de selvagem estava enfermo, doente.

Sra. – Um coelhicídio.

Policial – Senhora, por favor.

Outro policial – Este filho da puta acaba de me morder.

Chefe (ao telefone) – Prefiro uma filha a um coelho. Como que pra quê?

Sra. – (para o que morderam a mão) – Cuidado, pode ser venenoso. Mas aonde você aprendeu a ser policial? Não sabe que se põe a mão em uma boca ela pode morder? Dê um golpe na nuca como aos coelhos.

Chefe (no telefone) – Coelho não.

Sra. – Tem razão. Melhor um gato. Os coelhos enchem de esterco a casa. E a casa de um policial deve estar limpa como sua consciência.

Pluma (retorcendo-se) – Vocês viveram tempo demais dentro dos seus uniformes. E aí a atmosfera é irrespirável.

Sra. – Façam-no ficar quieto que suas palavras vão envenenar a vizinhanza. Não tenho os pés na terra.

Pluma – Eu os tenho nas nuvens.

Chefe (ao telefone) – Chega! Não quero continuar falando com você. Por acaso não entende que estou trabalhando? (desliga)

Policial – O que fazemos chefe?

Bêbado – Nós podemos ir?

Sra. (diante do silêncio do Chefe) – Acontece alguma coisa, senhor Inspetor?

Chefe (como se estivesse desligado todo este tempo) – Parece que vai chover. Todos olham para o céu. Solte todos. Nós vamos embora. Não tivemos um bom dia hoje. Melhor será ir beber uma cerveja. Talvez a chuva esclareça os meus pensamentos. Não sei o que esta mal, não sei de que lado do umbral eu estou. Abro uma porta e acontece um crime. Abro outra porta e encontro a tua esposa. Abre outra porta e encontra a rua. Então não queres abrir mais portas porque tem medo de encontrar a ti mesmo atrás de uma porta fechada. Sim, o melhor será ir beber uma cerveja. Saem todos e deixam Pluma no piso retorcendo-se compulsivamente sem emitir nenhum barulho.

CENA 8

Os pais de Pluma caem na conta de que ele partiu mas não fazem nada.

Mãe (acordando) – Acorda! Olha o que nos aconteceu!

Pai (entre bocejos) A desgraça sempre se fica com os pobres.

Mãe – Eu te disse para não dormirmos. E agora que faremos? Nossa filha fugiu do meu ventre.

Pai – Estará trabalhando em algum bordel, por aí.

Mãe – Não tem vergonha de falar assim de sua filha?

Pai – Nesse lugar se vai do crexé à casa de putas num abrir e fechar de olhos.

Mãe – Não tem sentimentos?

Pai – Tinha, mas não sei onde os pus.

Mãe – Deveria cair sua cara de vergonha.

Pai – Eu a tenho atarraxada.

Mãe – Como Frankenstein.

Pai – Às vezes queria me separar do meu caminho, mas não sei como. Por que não saímos ao balcão.

Mãe – Por que não faz melhor, não tenta recuperar sua filha?

Pai – Poderíamos tomar um pouco de ar fresco no balcão.

Mãe – Quando você era jovem, costuma me convidar para dançar. Comprava uma garrafa de rum e dançávamos toda noite. Não sei se éramos felizes, mas éramos diferentes; eu me casei com aquele homem, não com este, morto de medo que me convida para sair al balcão a cada momento.

Pai – O que tens nos outros lugares que não tem um nosso balcão, ah?

Mãe – Não quero respirar este merda de fumaça que se mete nos pulmões. Acorda, querido, nossa filha fugiu do meu ventre, não há tempo para romances de balcão.

Pai – Está bem, se não quer... mas ali poderíamos observar o horizonte, talvez a víssemos em algum lugar no horizonte. Se voltar, com certeza que volta, grávida, como é natural. Nós damos uma filha pra cidade e esta nos devolve grávida. Se formos ao balcão poderíamos ver que tipo de sujeito está engravidando nossa filha.

Mãe – Não quero sair ao balcão, entende? Não tenho vontade, estou cheia.

Pai – Maldita seja. Outros casamentos vão ao balcão quando estão preocupados, se abraçam ao ar livre e se sentem agradecidos pela imensidão do céu. As desgraças ficam suportáveis porque o amor é tão poderoso que se sustenta na fragilidade de um par de ladrilhos. Entende por que eu quero ir ao balcão?

Mãe – Sim, e não me importa.

Pai – Por que nunca fazes o que te peço? Não estou te convidando pra tomar ar fresco na Sibéria; estou te pedindo pra sair ali no balcão, a quatro passos deste mesmo quarto.

Mãe – Não vou sair nesta puta sacada! Tá me entendendo?

Pai – Está bem, está bem, pior pra você. Assim nunca saberemos onde está nossa filha, nem nosso amor se colocará sobre um balcão qual passarinho ferido ...

Mãe – Por que você quer me matar?

Pai – Te matar?

Mãe – Sim, me matar.

Pai – A ti?

Mãe – Sim, a mim, seu passarinho ferido.

Pai – Está bem: suponhamos que quero que cheguemos até o balcão para te empurrar no vazio, suponhamos também que assim te tiro do meu caminho. Não é genuíno este sentimento de liberdade incontrolável?

Mãe – Eu imaginava.

Pai – Se imagina, é porque tem uma imaginação perdida; imaginar o que os outros imaginam é morbido.

Mãe – Se você tanto deseja o patrimônio da imaginação, eu te dou ele.

Pai – Não quero; só queria que saíssemos até o balcão, mas você acaba de arruinar tudo com sua atitude.

Mãe – Talvez se minha filha estivesse aqui e fosse de dia, haveria aceitado que me empurasse no vazio. Mas minha filha não está e é noite.

Pai – Eu não te mandei dormir. Foi sua culpa, não minha. Como nunca aceita nada... nem sequer ir ao balcão.

Mãe – Está bem, vamos ao balcão para que me empurre no vazio de uma maldita vez.

Pai – Assim também não, de má vontade não. Além disso não quero terminar fazendo o que você quer; o assassinato perdeu o fator surpresa e sem surpresa não há magia e deixou de me interessar...

Mãe – (Desde o proscênio) Me empurra!

Pai – É verdade que quer que eu faça isso?

Mãe – Mesmo aqui a imagem da cidade não é atraente.

Pai – De costas não posso fazer isso, seria com te trair.

Mãe – (Vira o corpo de frente para o Pai) Assim está bem?

Pai – (Olhando-a fixamente) – Posso te imaginar morta, sim, posso te imaginar morta mas não posso imaginar a vida sem você.

Mãe – Você não pode me fazer feliz, então me faça voar.

Pai – Não vale a pena e esta noite haverá tempestade e nada vale a pena.

Mãe – (Escutando o canto de Pluma longe) É nossa filha.

Pai – Não podemos ir buscá-la, a cidade está cheia de perigos.

Mãe – Está cantando?

Pai – Não, está chorando.

Mãe – Esta noite nada vale a pena.

CENA 9

Pluma conhece a religião mas não se arrepende.

Um homem caminha desorientado, com uma Virgem sentada em uma cadeira, nas suas costas. Vem como em uma procissão. Pluma parou de se mover compulsivamente e agora trata de encontrar uma posição e dormir, mas não consegue.

Homem – Quer caminhar comigo?

Pluma – Pra onde?

Homem – Não sei. Mas é bom caminhar acompanhado. (caminham)

Pluma – Tentava dormir mas não consigo; por mais que tente não posso.

Homem – É como eu.

Pluma – Dormir?

Homem – Não, abandoná-la.

Pluma – A quem?

Homem – A Virgem.

Pluma – Ah!

Homem – É eterna.

Pluma – Não se pode carregar a eternidade de cima pra baixo, não é?

Homem – Assim que é.

Pluma – Muito compromisso.

Homem – Não, tradição. Quando meu pai morreu me disse: faz carregue a Virgem; e eu a carreguei.

Pluma – Eu ajudaria, mas tenho tanto sono...

Homem – Não se preocupe. A pureza não pesa. Além disso é bom sofrer um pouco.

Pluma – O consolo depende das circunstâncias.

Homem – Faça fama e deite na cama.

Pluma – Você é famoso?

Homem – Sim, em Roma.

Pluma – Em Roma?

Homem – Todos os caminhos levam a Roma.

Pluma – Você é muito original.

Homem – Fui a Roma com a intenção de deixá-la, mas quando a viram disseram que mais parecia uma índia que uma Virgem. Sendo daqui com quem queriam que parecesse?

Pluma – Por que não a deixa em uma Igreja?

Homem – Eu tentei. Mas apenas andei alguns passos, sinto que ela me pega com o olhar de tal maneira que se a soltasse, meu corpo se encheria de desejos contraditórios. Caminho devagar, sem pressa, não por precaução mas porque não sei para onde ir. Você pecou?

Pluma – Sim.

Homem – Não se arrepende?

Pluma – Não.

Homem – Não importa; você ter caminhado comigo um pouco te absolve de todos os pecados.

Pluma – Você é piedoso.

Homem – Não, sou mamífero. A piedade é a pobreza elevada a santidade e se a alcança depositando uma moeda em uma mão, no melhor dos casos; e no pior dos casos em um munon. A moeda é redonda como uma hostia, e ao entregá-la alcançamos a pureza pela piedade, e nos esquecemos da fome e do frio e por uns instantes somos puros. Sermos piedosos custa apenas uma moeda; por isso existem tantas pessoas piedosas. Logo, esses piedosos vão para suas casas apoiados em seus bastões e estabelecem uma cumplicidade cotidiana com Deus, a mesma que estabelecem os loucos com seus guardiães, que a força de estar juntos fazem brotar de seus pobres corações uma sombria maneira de se consolar. Obrigada por caminhar ao meu lado. Adeus. (Pluma olha como se afasta).

CENA 10

Pluma conhece a frustração.

Uma operária como do início do século caminha com uma bandeira. Está machucada.

Operária – (Descubrendo Pluma) Que curioso!

Pluma – O que parece curioso?

Operária – Sua cara, tem a mesma cor que a minha bandeira.

Pluma – Assim parece.

Operária – Vinha eu em uma manifestação e mesmo que pareça curioso, eu me perdi.

Pluma – Assim parece.

Operária – E você me perguntará o que estava fazendo.

Pluma – O que você estava fazendo?

Operária – Caminhava com meus companheiros por uma rua. Não íamos alegres como nas outras épocas mas estávamos todos juntos; de uma hora pra outra a neve caiu sobre nós, não se podia ver nem um metro de distância. Que curioso! Não podíamos nos ver entre nós, talvez porque não tínhamos os braços cruzados como em outras épocas, mas íamos todos juntos. Que estranho! Como pude me perder? Antes quando caía neve me guiava pelas árvores. Agora não há árvores, e as que existem estão enegrecidas pelo alcatrão e pelo cimento. Eu acredito que teríamos que plantar árvores. Agora que estou machucada, me sobra tempo; seguramente você vai me perguntar pra quê.

Pluma – Pra quê?

Operária – Para me guiar quando cai a neve. Eu sofro muito com este assunto da neve, e se se dissipar eu seguirei sofrendo. Não, não é a neve que me faz sofrer, nem mesmo é a falta de amor ou de amizade. Não, é... Eu ignoro, como tantas outras coisas que ignoro; por exemplo, as rádios, a música vem pelo ar, as notícias vêm pelo ar em uma anteninha, zas! As atrapalha e nos faz escutar. E eu me pergunto: se todas essas coisas andam pelo ar por que não as vemos? Difícil a coisa, não? Você me perguntará que tem uma coisa a ver com a outra.

Pluma – Que tem uma coisa a ver com a outra?

Operária – Eu ignoro, e esta ignorância é que me faz sofrer. A gente suporta muitas coisas na vida, mas não suporta ignorar o por quê que não se pode ser feliz. Posso saber com certeza quando me dói a cabeça e o estômago, mas esta outra dor... me pareceu apenas que me perdi dos meus companheiros. Companheiros... é uma palavra bonita; ninguém mais a usa mas é uma palavra bonita... Esta dor eu desconheço. Eu direi a meu marido que me ponha um emplastro, se eu o encontrar. Você me perguntará por quê nos manifestávamos.

Pluma – Por quê nós nos manifestávamos?

Operária – Porque fecharam a fábrica. Era uma fábrica de bonecos de madeira, de corda, como os de antigamente; olha, aqui trago um. (Faz andar um bonequinho de corda e fica olhando pra ele surpresa). Sim, a fecharam, assim que ... eu nem sequer pude perguntar aos meus companheiros onde se meteram, e por que nos machucamos. Sentíamos prazer pelo protesto, mas pouco a pouco fomos nos calando, como se a cidade estivesse desabitada e gritar nossas reivindicações não tivesse sentido. Caiu a neve sobre nós. Quando me senti só, gritei; não pela injustiça, se bem que merecia, mas eu gritei para ver se ainda estávamos vivos, meus companheiros e eu. Ninguém respondeu, escutei: Companheiros! Vê? Ninguém. Talvez eu continue gritando até que me cale, e desalentada eu morra. Eu seguirei gritando até o desalento, porque não tenho vontade de ficar calada. Estou machucada e nem sequer sei como voltar para casa para que meu marido cuide desta dor com um curativo. Você me perguntará...

Pluma – Não vou perguntar! Você acaba de me contagiar com essas histórias tristes; estou doente.

Operária – Não chore. Já estou indo. Não queria deixar você assim com essas histórias. (Sai)

Pluma - Melecas, rios de melecas, mares de melecas. Quem se atreve a fechar as janelas do esquecimento? Melecas, muitas melecas caindo do meu nariz, muitas lágrimas escorrendo dos meus olhos. Precisa haver tanta água nas recordações? Não posso ver o céu. Por que fiquei tão triste com esta operária doente? Acabo de aprender o que é o fracasso: é quando a vista fica nublada de tantas lágrimas e não se pode ver o firmamento. Quem se atreve a fechar as portas do esquecimento! (Lança um choro muito triste).

CENA 11

Pluma conhece um amor impossível

Enquanto Pluma chora, aparece flutuando num rio o cadáver de um poeta. Vem recitando.

Poeta – A fome não entende as razões, nem as luas que deixam a noite... Não, não me convence; faz tempo que busco um verso, mas não o encontro.

Pluma - Assim morrem os poetas neste lugar?

Poeta – Não, alguns morrem em suas camas, entre seus entes mais queridos, apertos de mão e calorosos pesames.

Pluma – Léva-me contigo.

Poeta – Pra onde?

Pluma - Pra metade do mar.

Poeta – Você teria que ser morto como eu.

Pluma – Como te mataram?

Poeta – Por roubar um livro, um bom livro cheio de poemas esplêndidos para melhorar os homens. A Polícia me pegou e bateu em mim até me fazer duvidar se havia valido a pena roubar esse montão de palavras impressas.

Pluma – Me leva contigo. Eu somente flutuarei a teu lado até a metade do mar.

Poeta – Ainda que eu quisesse não poderia. Minha vontade ficou na outra vida e eu sou um corpo sem vontade que depende das correntes contaminadas deste rio. Mas nada importa mais, o olfato também ficou no outro nariz. Não sei por que as pessoas gostam das coisas que fedem. O odor do dinheiro, sem ir mais longe. Enfim, eu não posso te levar. Antes eu gostava dos homens ao entardecer, quando o Sol estava quase se pondo; então eu me sentava à contraluz e olhava como os raios atravessavam suas camisas, deixando aparecer as suas formas volumosas e quentes. Estranho isso, mas... o que eu posso fazer?

Pluma – Eu não te agrado?

Poeta – Sim, mas está muito longe.

Pluma – Como se pode chamar isso que sinto por ti?

Poeta – Necrofilia.

Pluma – Não ria de mim.

Poeta – Sabe o que me faria voltar a rir? Eu não soube morrer alegre e num exame de consciência eu percebi um zero. Não deixei nada para a posteridade, exceto algum soneto – nada prático, mas necessário como o amor que sempre vem acompanhado da solidão -. E isso não serve pra nada, e ainda assim nós amamos e isso é bom. Como se chama?

Pluma - Pluma.

Poeta – (Enquanto se vai flutuando) Pluma está e, na beira onde o rio é o tempo; suave são as recordações porque nunca o abracei com ardor nem apertei sua mão com força. Suave ele me olha e eu o olho e nos abtemos no silêncio. O rio do tempo passa sem grandes desassossegos. Vê, acabo de encontrar o verso que eu buscava. (E se vai).

Pluma - (Caminha de um lado para outro, na beira do rio) Não se vá, fale um pouco mais! Ou melhor... Léva-me contigo! Somente flutuarei a teu lado na deriva. Léva-me contigo... Está bem, vai embora, se assim o quer! Não me chame, que eu não vou ir. Não insista! Volte, por favor! Que estúpido, como o deixei ir. Você não é mais que uma poeta afogada! E eu me afogo mais sem tuas palavras. Não te quero! Mentira, sim te quero. Não tem vergonha de nos deixar aqui, asfixiados em nossos relógios, afogados em poesia. Não me peça que te acompanhe! Peça-me, por favor! (começa a mover-se com movimentos assimétricos).

Agora sim que não posso parar; por mais que ordene a meus músculos que se detenham, eles não me dão bola. E tudo por quê? Porque conheci a tentação... Agora sim não tem jeito.. E essas cores? E esses cheiros? E esses suores? O amor não é higiênico pra nada. Não insista que não vou! Por que a deixei ir? Por medo do prazer, porque não me atrevo a sentir todo o prazer do mundo, mas... Por que ninguém fala disto? Preferem falar de comidas típicas e esportes, ao invés de falar do amor. E o amor pode compensar todas as porcarias da existência... Que estou dizendo? Não tenho pudor? Não, tenho suor, litros de suor, quente ou fervendo: sou uma sauna sem sentido, uma sauna sem apetite: preciso de uma mulher! Preciso de uma mulher! (cai exausto).

CENA 12

Pluma arremete contra a educação

Uma professora muito velha e uns alunos muito velhos vêm cantando e marchando com muita apatia. Pluma sem titubear se incorpora na marcha.

Todos – Um canto de amizade, de boa vizinhanza, unidos nos terá eternamente...

Professora – Alto! Alto! Façamos uma parada e descansemos. (Se detém frente a um rio) Algum de vocês pode me dizer o que é isto? (Os alunos anciãos não sabem o que responder). O que é este montão de água que corre numa só direção, que nasce na montanha e morre no mar? (Os velhos se angustiam sem saber o que responder). Um rio, isto é um rio. Estou cansada, estou muito cansada; vocês repetiram o segundo grau muitas vezes, envelhecemos sem nos dar conta e é necessário que vocês aprendam os valores pra viver em sociedade. Agora é muito tarde e eu começo a ser assombrada por maus pensamentos.

Velho 1 – Quando se é menino se aprende muitas coisas com facilidade e com gosto, mas agora nós já não somos mais.

Velho 2 – Somos gente do primário que nunca conseguiu sair do primário. (Gargalhadas)

Professora – Silêncio, silêncio, muito silêncio...! Que reine o silêncio. (Todos ficam petrificados olhando o rio. Pluma grita, derrubando os alunos e fazendo voar as folhas dos cadernos)

Professora – (Recompondo-se) Acredito que fomos desfolhados.

Velho 3 – (Entregando um ramo de flores secas) Eu... sempre fui apaixonado por você, mas tinha medo. Eu te trouxe estas flores, mas estou temendo... Este temor me acompanhou toda a vida e agora não quero deixar de tremer.

Professora – Isto demonstra que tem um grande sentimento de responsabilidade. Trema, González, trema se isso lhe faz bem.

Velho 1 – Queria saber... qual é o sentido da responsabilidade?

Professora – Não é necessário que saiba tantas coisas, senhor Martinez; na verdade, é assim, em quanto você saiba menos melhor.

Velho 2 – Eu também me tornei muito medroso. Às vezes, sentado no banco da classe, meço a distância que há entre o caderno e meu coração: são quatro dedos. Logo meço o caderno em relação a minha cabeça: são oito dedos. Vocês percebem? O caderno está mais perto do meu coração que da minha cabeça e me dá tanto medo, que ponho o caderno contra minha cara... Vocês percebem isso?

Professora – (Como saindo de um lapso) Desculpa, acho que dormi. Não escutei o que disse; perco a atenção com as frases demasiado longas. Quando as palavras são ocas, me digo: essa é uma palavra oca, um eco onde

cabe uma palavra, um vazio de palavras, um vazio onde cabe a minha cama... E é aí onde eu durmo, num vazio de palavras. (Pluma empurra um velho ao rio) Mas... o que faz González no rio?

Pluma – Nada.

Professora – Sim González não sabe nadar!

Pluma – Digo que nada de nada.

Professora – Meu Deus, nós perdemos o González!

Pluma – Mas ganhamos tranqüilidade. Não se sente melhor?

Professora – Um pouco...

Pluma – Você deveria se sentir bem. Sem González a vida é outra coisa.

Professora – Me sinto agobiada... Mas... quem é você?

Pluma – (empurrando um outro velho no rio) Um ex-aluno.

Professora – Não recordo... Mas o que está fazendo?

Pluma – Descarregando a responsabilidade!

Professora – Não sou uma estúpida, convém que você saiba. Sou uma professora laica, livre e obrigatória. (Pluma empurra o terceiro velho no rio)

Não, o Martínez não!

Pluma – É muito tarde. Como se sente?

Professora – Como uma mãe sem seus filhos. O saber universal... O que eu faço com o saber universal? A quem eu ensinarei tudo o que sei? Eu deixei de ter responsabilidades. Não tenho o que dizer e sobre quem decidir. Como pude tolerar a sua conduta, como é que eu pude tolerar a sua conduta? (Pluma submerge lentamente no rio)

Pluma – Escreve cem vezes no quadro preto: "me sinto sozinha".

Escreva: "Eu era uma folha em branco que caiu de uma janela".

Escreva: "Por quintais e estradas, por ruas lúgubres".

Escreva: "O vento me arrastou por veredas e cloacas".

Escreva: "Agora sou uma folha manchada por uma rua na noite".

Escreva: "Às vezes sinto falta da minha mãe como ela sentia falta da sua e assim sucessivamente até os confins da existência".

Pergunte-se: "Este é o momento em que viver é afastar-se da manhã?"

Responda-se: "Os lixos não mudaram, estão intactos. O mesmo lixo de ontem se acumula a de hoje e quanto ninguém a recordar, não haverá manhã."

(Pluma terminou de submergir a professora e esta mostra o rosto calmo).

CENA 13

Pluma decide não mover um dedo em prol do futuro, mas tem fome e arremete contra a Natureza

Pluma está em uma posição fixa, como paralisado.

Pluma – Na rua estou como no ventre de minha mãe: frio, tenso, esperando que alguém me empurre pra alguma cloaca. Não moverei um dedo em prol do meu futuro, nem pedirei esmola,

não chorarei, rirei; aqui vou ficar frio, tenso e esperando como no ventre da minha mãe. Já vi como sobreviver entre os homens: ser desonesto e fingir o contrário; passar a maior estupidez por alguma coisa sábia, corromper-me, trair as minhas idéias e me fazer de estúpido, me vestir na moda, cruzar as pernas, entrecruzar a alma, retorcer os desejos e dizer: "que detalhe estupendo, é uma maravilha da engenharia, é uma maravilha da educação, é uma grande merda de maravilha..." E depois de toda esta fala, respiro profundamente, tiro os tampões dos ouvidos, me livro dos óculos escuros, me livro da pele e deito minha estrutura óssea para dormir entre os homens. Que fácil seria viver entre os homens. Não posso, não moverei um dedo para viver entre os homens. Os meus ossos estão me entumescendo. Para estar quieto é preciso não se mover, que bela conclusão! Tenho fome, tenho muita fome, terei que me mover pra conseguir comida. A fome faz andar os músculos e põe em movimento os homens. Eu só me moverei pelo meu estômago. (Entra um cachorro e executa uma dança. Este cachorro tem as características dos personagens que aparecem somente nas festas populares.) Perdoe que eu descarregue sobre ti toda a minha fúria, mas a fome me domina. Já não penso com a minha cabeça; penso com o meu estômago e este não pensa, apenas ronca. Perdoa que ronque sobre ti; nunca havia sentido um desejo tão violento saindo do meu estômago. Perdoa que descarregue sobre ti todos os desejos do meu estômago. (O devora e fica quieto com a boca cheia de sangue, como um personagem do teatro oriental).

CENA 14

Os pais se lamentam pela última vez e tampouco fazem alguma coisa

Pai – A escuta? Ela ficou quieta, acho que escuto seus passos de sonâmbula.

Mãe – Está nesse bar.

Pai – Esse bar é o fim do caminho.

Mãe – Aprender a vida é se fazer na rua.

Pai – Nada vai resgatá-la deste lugar.

Mãe – Porque aqui ninguém resgata ninguém.

Pai – Nem louco iria buscá-la. Daqui a cidade parece um galinheiro, um estúpido e sujo galinheiro.

Mãe – Pluma, minha pobre Pluma, caindo no ar sem sangrar; eu já não escuto, já não te vejo minha filha, caindo no ar.

Pai – Foi a má sorte.

Mãe – Tem relâmpagos no céu. Ela não poderá suportar a tempestade.

Pai – Nesta casa estaria segura. Não sei porque foi embora.

Mãe – Nos deu as costas. Mas por quê?

Pai – Porque acreditou que lá fora a coisa seria diferente.

Mãe – Nada é diferente do que é de costume.

Pai – Nunca nos obedeceu e aqui está seu castigo. Quer comer alguma coisa?

Mãe – Sim, batata frita com molho de tomate. Nunca nos quis.

Pai – Acho que nos odeia. Ela rompeu os laços que nos uniam... maionese?

Mãe – Sim, maionese, molho de tomate, batatas fritas...

CENA 15

Pluma desaparece de maneira mágica

devora e fica quieto com a boca cheia de sangue, como um personagem do teatro oriental).

CENA 14

Os pais se lamentam pela última vez e tampouco fazem alguma coisa

Pai – A escuta? Ela ficou quieta, acho que escuto seus passos de sonâmbula.

Mãe – Está nesse bar.

Pai – Esse bar é o fim do caminho.

Mãe – Aprender a vida é se fazer na rua.

Pai – Nada vai resgatá-la deste lugar.

Mãe – Porque aqui ninguém resgata ninguém.

Pai – Nem louco iria buscá-la. Daqui a cidade parece um galinheiro, um estúpido e sujo galinheiro.

Mãe – Pluma, minha pobre Pluma, caindo no ar sem sangrar; eu já não escuto, já não te vejo minha filha, caindo no ar.

Pai – Foi a má sorte.

Mãe – Tem relâmpagos no céu. Ela não poderá suportar a tempestade.

Pai – Nesta casa estaria segura. Não sei porque foi embora.

Mãe – Nos deu as costas. Mas por quê?

Pai – Porque acreditou que lá fora a coisa seria diferente.

Mãe – Nada é diferente do que é de costume.

Pai – Nunca nos obedeceu e aqui está seu castigo. Quer comer alguma coisa?

Mãe – Sim, batata frita com molho de tomate. Nunca nos quis.

Pai – Acho que nos odeia. Ela rompeu os laços que nos uniam... maionese?

Mãe – Sim, maionese, molho de tomate, batatas fritas...

CENA 15

Pluma desaparece de maneira mágica

A prostituta velha da cena do bordel aparece em uma barra de um bar. Fala com Pluma.

Prostituta – Aproxima-se, não vou te fazer nada que a rua já não tenha feito. Buscas uma causa? A latrina está cheia de causas. As ~~mas~~ ^{mas} estão cheios de causas tapadas com cartões. Aqui está as causas morrem desnutridas, e se ~~abrir~~ ^{abrir} bem os olhos verá uma causa que te pede esmola.

Pluma – Isso não me disse nada.

Prostituta – Então não tem por quê pagarme um copo, mas se me pagar te dou uma boa razão para viver. Sabe por quê o verme produz a seda?

Pluma – Não.

Prostituta – Para meter ali a sua cabeça.

Pluma – Não te entendo.

Prostituta – Se fosses meu filho te bateria com um pau por haver envelhecido tão rapidamente.

Pluma – Meus pais dormem.

Prostituta – Não. Teus pais comem batatas fritas, vêem televisão com o aparelho desligado e imaginam o amor nos capítulos, ~~o amor em série e a Deus no final da noite com o choro nacional~~. Diga-me, a tristeza é nobre ou é vilã?

Pluma – A minha é nobre.

Prostituta – Pois não é. É vilã porque não deixa que a gente veja a tristeza nobre dos outros. O horizonte é uma boa razão para viver, mas para vê-lo tens que abrir os olhos; tens que olhar através ^{da} ~~da~~ ^{camisa de força} ~~da~~ ^{para que nela se encham de vícios e compêctos} ~~da~~. Nunca deixe que ~~alguém~~ ^{alguém} ~~de uma~~ ^{de uma} ~~dona~~ ^{dona}

camisas em você. para que nela se encham de vícios e compêctos

acontecer no bar, pessoas começam a discutir). Veja como golpeiam esta mulher... (A prostituta intercede pela mulher).

Homem – Imbecil! Que está fazendo?

Pluma – Não bata nela, está bêbada!

Homem – E tu, porque te mete?

Pluma – Estava tentando encontrar uma razão para viver.

~~Prostituta – (Bogando a mão no homem) A corrente de ouro esconde a mão! A corrente de ouro não deixa que esta mão acaricie o que esta mão tembre, ou que esta mão ajude a corrente de ouro tem encadeado sua mão~~

Homem – O que você busca é uma porrada.

Pluma – Deixe-a em paz!

Homem – É uma louca amargurada.

Pluma – Não!

Homem - (Bate na prostituta) Vou bater em você até que escorra toda a amargura que leva aí dentro.

Pluma – Não a golpeie, por favor! (a luta se passa pra rua, onde começou a chover e a ventar muito. No meio da tempestade os corpos se agridem e luta toma uma configuração estranha. O corpo da prostituta cai estendido no chão. Pluma, no meio da tempestade está chorando). Cresci nessas ruas. Com certa violência, me fiz homem. Às vezes me junto com a gente que vive mal e ao lado de suas fogueiras não consigo imaginar nada. Vi as pessoas dentro de seus casacos apertados e elas também não podem imaginar nada. Só aqui, em meio à tempestade, posso sentir os barulhos da calma; o vento gelado despeja a minha mente. Quando tiver terminado o temporal construirei minha casa com os restos que deixei na tempestade. Então poderei falar e tu poderá me escutar; quando o vento deixe de sibilar e as janelas de balançar. Agora não me escuta porque a chuva cresce. Só no meio da tempestade se pode respirar. É preciso que se aprenda a viver no meio da tempestade.

A tempestade cresce e ele continua falando. E não se escuta. Desaparece na tormenta.

FIM